

# AS GERAÇÕES DE GRUPOS ORGANIZADOS DE TORCEDORES NO BRASIL: O CAMINHO ATÉ AS ALIANÇAS

Eduardo Araripe Pacheco de Souza <sup>1</sup>

## Resumo

Estudos sobre torcedores de futebol no Brasil, principalmente os que se organizam em grupos (geralmente denominados “*torcedores organizados*” ou “*torcedores uniformizados*”), começaram a despertar interesse de pesquisadores sociais a partir da década de 1990, relacionados a temas como a violência nos esportes, comportamento juvenil, grupos urbanos, sociabilidades, entre outros de interesse das ciências sociais. Verdade é que os torcedores redimensionaram a relação torcida/futebol profissional e, especialmente, a relação espectador/espetáculo de futebol, através da mobilização coletiva nos estádios e aparição permanente na mídia. O presente estudo foi desenvolvido através de uma etnografia que pretende a compreensão sobre a organização, comportamento, perfil social e características associativas desses grupos; um processo muito maior, complexo e dinâmico que mudou a forma de pensar o assunto e alicerçou a interpretação sobre a formação das **alianças entre torcidas de estados diferentes**. A construção do vínculo social (Aliança) entre grupos de cidades diferentes, portanto, é interpretada como uma escolha determinante entre o protagonismo ou a invisibilidade, no contexto do futebol de espetáculo.

**Palavras chave:** futebol, grupos organizados, aliança, protagonismo, invisibilidade.

## Generations of organized groups of fans in Brazil: The path to alliances

## Abstract

Studies on soccer fans in Brazil, especially those that organize themselves in groups (usually called “organized fans” or “uniformed fans”), started to arouse the interest of social researchers in the 1990s, related to themes such as violence in sports, youth behavior, urban groups, sociability, among others of interest to the social sciences. It is true that the fans redimensioned the relationship between fans and professional football and, especially, the relationship between spectators and football spectators, through collective mobilization in stadiums and permanent appearance in the media. The present study was developed through an ethnography that aims to understand the organization, behavior, social profile and associative characteristics of these groups; a much larger, complex and dynamic process that changed the way of thinking about the subject and underpinned the interpretation of the formation of alliances between fans from different states. The construction of the social bond (Alliance) between groups of different cities, therefore, is interpreted as a determining choice between protagonism or invisibility, in the context of spectacle football.

**Keywords:** football, organized groups, alliance, protagonism, invisibility.

---

<sup>1</sup>Pós doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, eusouza.87@gmail.com

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As primeiras pesquisas específicas sobre **grupos de torcedores** começaram a ser produzidas no Brasil a partir da década de 1990, inseridas nas discussões sobre violência urbana e *violência nos esportes*<sup>2</sup>. Deram continuidade e ampliaram um conjunto de estudos sobre os esportes (o futebol em especial), enquanto objeto de análise e compreensão da cultura e sociedade brasileira produzidos em décadas anteriores, a exemplo do artigo "**Football Mulato**", de Gilberto Freyre (1983), uma das primeiras produções acadêmicas sobre o futebol no país.

Merece destaque a coletânea "*universo do futebol*", organizada por Roberto DaMatta (1982), onde o antropólogo compreende o futebol brasileiro como uma máquina capaz de socializar as pessoas, um sistema altamente complexo de transmissão de valores essenciais e um domínio onde se garante a continuidade e permanência cultural e ideológica. Destaco ainda Simoni Lahud Guedes, que desde sua primeira produção sobre o tema, "*O futebol brasileiro: instituição zero*" (1977) constitui-se um dos pilares nos estudos da temática.

Trabalhos realizados em São Paulo e Rio de Janeiro (REIS, 2009; MURAD, 2010; PIMENTA, 1997; TOLEDO, 2000) dão conta de que os primeiros grupos de torcedores surgiram no final da década de 1930. Frequentavam os estádios em pequenos grupos, compostos por amigos próximos e familiares, de forma discreta – as *assistências*. Com o advento da profissionalização do futebol brasileiro (1933) passaram a interagir nas arquibancadas com mais ênfase, tanto nos incentivos quanto nas cobranças, agregando outros valores e atraindo mais simpatizantes. Assim surgiram as *torcidas uniformizadas e organizadas*, conforme sugere a literatura de referência.

Não há consenso sobre o grupo de torcedores que merece a "primogenitura" no futebol brasileiro. Dividem-se os pesquisadores entre o "*grêmio tricolor*", **fundado em 1939**, posteriormente chamado "*torcida uniformizada do São Paulo*"; e os que defendem a "*charanga do Flamengo*" ou "*charanga rubro-negra*", criada em

---

2 Uma série de episódios violentos protagonizados por grupos de torcedores em estádios de futebol, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, motivou pesquisas que se dedicaram a tentar compreender o comportamento e o significado social dos integrantes de torcidas organizadas. Um dos eventos de maior repercussão no país refere-se à briga generalizada no estádio do Pacaembu, em São Paulo, ocorrida no dia 20 de agosto de 1995, entre componentes das torcidas "*Mancha Verde*", da Sociedade Esportiva Palmeiras, e "*Independente*", do São Paulo Futebol Clube. Vários estudos foram produzidos sobre a possível relação entre violência no futebol e Torcidas Organizadas, dentre os quais destaco Toledo (1996), Pimenta (1997), Heloísa Reis (2006) e Maurício Murad (2007). Os estudos sobre violência nos esportes foram profundamente influenciados pela repercussão do *hooliganismo* nos estádios europeus, alicerçados na teoria do *Processo Civilizador* de Norbert Elias (1990).

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

1942, no Rio de Janeiro. Por certo, os primeiros grupos foram notados nos estádios de São Paulo e Rio de Janeiro entre o final da década de 1930 e início dos anos 1940, espalhando-se rapidamente pelos centros de maior expressão do futebol nacional a partir de 1970.

Surgiram em um contexto histórico e social onde predominavam fortes motivações ideológicas difundidas em torno das ideias de *raça, nação, identidade e cultura nacional*, inseridos numa cultura urbana que viabilizou sociabilidades marcadas pela superficialidade, transitoriedade e isolamento do indivíduo, representadas no surgimento de grupos juvenis urbanos com *estilos de vida*, estratégias de *demarcação de território* (termo nativo) e práticas de convivência que possibilitam uma extrema identificação entre seus integrantes.

Em geral, os pesquisadores concordam sobre o perfil dos atuais integrantes de grupos organizados de torcedores: são grupos tipicamente juvenis, cuja composição etária situa-se entre 15 e 30 anos, predominantemente homens, apesar do crescente número de mulheres. Registrei dados semelhantes durante a etnografia realizada com grupos do Recife, entre 2010 e 2011 (SOUZA, 2012), e posteriormente ratificados na pesquisa com torcedores de grupos aliados, entre 2013 e 2016<sup>4</sup>. Redimensionaram a relação torcida/futebol profissional, especialmente a relação espectador/espetáculo, através da sua mobilização nos estádios e de sua aparição permanente na mídia (TOLEDO, 2000: 133). Em pouco mais de um século de futebol no Brasil a diversão descompromissada e elitizada passou a fenômeno de massas.

A organização dos grupos possibilitou a criação da *Associação Nacional das* (ANATORG), em 13 de outubro de 2010, com o objetivo de unir reivindicações de todas as torcidas do país, com o apoio de organizações como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MTST).

---

3 O termo "uniformizada" é anterior ao termo "organizada". Atualmente os maiores grupos de torcedores adotam a segunda denominação para destacar que existe uma organização interna para além da mera uniformização (TOLEDO, 1996: 26). *Charanga* é um conjunto de instrumentos de percussão que formam uma pequena banda de música. Em alguns locais do Nordeste são conhecidas por "batucadas".

4 Pesquisa base da Tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE, em 2016, com o título "**FAZER ALIANÇAS: Uma escolha determinante entre o protagonismo e a invisibilidade dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil**". Entre novembro de 2012 a outubro de 2015 a etnografia foi realizada com torcidas de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Pará e do Distrito Federal.

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

Para facilitar a compreensão sobre o processo de expansão das torcidas até as grandes **alianças nacionais** (objeto do presente artigo), o artigo foi dividido em três partes: na **primeira** abordo a formação e a expansão dos grupos organizados de torcedores divididos por **gerações**, procedimento adotado como recurso metodológico de análise. Na **segunda parte** realizo um detalhamento da organização social e características dos grupos das três primeiras gerações. Por fim, a **terceira seção** é uma proposta de reflexão sobre as motivações que possibilitaram a formação das ALIANÇAS entre grupos de torcedores do Brasil.

## 1. AS GERAÇÕES COMO RECURSO DE ANÁLISE

No *sensu comum* “torcedores uniformizados” e “torcedores organizados” são termos equivalentes, utilizados em referência aos torcedores agrupados e reconhecidos pelo uso de vestimentas idênticas e, em muitos casos, pelo uso de práticas violentas. Uma parcela significativa de profissionais do esporte, meios de comunicação e representantes de órgãos públicos nutre a mesma percepção,

### **Organizadas pedem PM fora dos estádios**

O plenário Primeiro de Maio, uma das principais salas da Câmara Municipal de São Paulo, recebeu visitas incomuns na manhã de ontem. Na primeira vez em que a CPI das torcidas organizadas (iniciada em junho passado), recebeu membros das maiores **torcidas organizadas** (grifo nosso) dos clubes que formam o “trio de ferro” paulista (Corinthians, Palmeiras e São Paulo), a oratória formal e cheia de contornos dos vereadores deu lugar a um discurso direto e uma pedida unânime dos **uniformizados** (grifo nosso): o fim da Polícia Militar dentro dos estádios de futebol da capital paulista. (Nota publicada no *Jornal do Comércio*, caderno de esportes (p.7), dia 22.out.15, Recife-PE).

Do ponto de vista legal, a **Lei Federal 10.671**, de 15 de maio de 2003, mais conhecida como “**Estatuto do Torcedor**”, no Artigo 2º define Torcida Organizada como “**a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade**” (os destaques são meus). No entendimento de muitos juristas, para que uma “torcida organizada” tenha sua existência reconhecida não precisa encontrar-se legalmente constituída e

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

com estatutos registrados no Registro Civil de Pessoas Jurídicas, conforme Artigo 45 do Código Civil Brasileiro.

Alguns importantes pesquisadores do futebol brasileiro, já citados nesse artigo, defendem que “*torcidas uniformizadas*” e “*torcidas organizadas*” são faces de um mesmo objeto. Dentre eles prevalece o termo “*torcidas organizadas*” e a diferenciação entre os grupos é feita através da dimensão numérica dos associados e formas de organização interna,

Ainda que existam diferenciações formais entre as Torcidas Organizadas, sobretudo no que se refere à organização, tamanho, patrimônio construído, elas se assemelham quanto à morfologia interna evidenciada por níveis socioeconômicos e culturais bastante congruentes. A rigor, substancialmente, **distinguem-se somente pelo fato de aderirem a times variados** (grifo meu) [Toledo, 1996: 105].

Por outro lado, a pesquisa de campo ofertou-me argumentos capazes de ampliar o diálogo com os teóricos de referência por entender que **há diferenças significativas** entre os grupos de torcedores surgidos em períodos distintos na história do futebol brasileiro. É possível identificar, por exemplo, vários grupos atuais que preservam as mesmas características vistas nas décadas de 1930 e 1940, animando os estádios com suas “charangas”, ritmadas por um pequeno número de integrantes (práticas carnavaalizadas). Também é possível notar grupos com relativo número de associados, mas sem qualquer sistema de organização interna ou estratégias de captação de recursos; ou ainda grupos que alcançaram uma complexidade que lhes exigem padrões de organização similares a grandes empresas. Isto pode ser visto em alguns grupos de São Paulo e Rio de Janeiro, os quais extrapolaram os limites do futebol e tornando-se Escolas de Samba.

Portanto, ao considerar a complexidade e diversidade do objeto de estudo lancei-me ao desafio de interpretá-lo a partir de uma nova categoria analítica, aqui sugestivamente denominada como “**grupos organizados de torcedores**”, sem o reducionismo dos termos “torcedores uniformizados” ou “torcedores organizados”. Faltava, portanto, a definição de um instrumento metodológico que facilitasse o entendimento deste complexo caminho, o qual possibilitou a configuração das atuais **redes de alianças**.

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

### ***Os critérios adotados para a divisão dos grupos de torcedores, por gerações***

Após uma longa e detalhada consulta aos arquivos da ANATORG, contabilizei **549 (quinhentos e quarenta e nove)** grupos distribuídos por todas as regiões do Brasil<sup>5</sup>. Os dados analisados além de chamarem atenção para o número expressivo de grupos possibilitam-nos perceber a dimensão que o futebol alcançou no país, sua popularidade e representatividade. Por consequência é possível entender a capacidade de utilização do futebol pelas classes dirigentes do país como “símbolo da identidade nacional” e instrumento ideológico.

Importante esclarecer que a proposta de sistematizar o objeto de análise através de uma nova categoria de interpretação não foi tarefa fácil, considerando que os já consagrados pesquisadores brasileiros já o dissecaram a partir das noções clássicas (torcidas organizadas e uniformizadas). Assim, as ideias que fundamentaram essa proposta foram organizadas através do seguinte percurso metodológico:

[1] Inicialmente separei os **549** grupos cadastrados na ANATORG por regiões e estados. Em seguida agrupei-os de acordo com a década de criação, adotando como marco inaugural o ano de **1939** (criação da torcida *Grêmio São Paulino*), considerado por mim o grupo pioneiro dentre os **grupos organizados de torcedores do Brasil**.

[2] Ao perceber que os grupos surgidos em uma mesma década não necessariamente possuem as mesmas características, fez-se necessário o **estabelecimento de critérios** com base nas informações obtidas durante a pesquisa. Na sequência utilizei referenciais que me possibilitaram agrupar as torcidas em “**gerações**”.

[3] Após definição dos referenciais de início e término de cada geração os grupos organizados de torcedores foram distribuídos, considerando que a dinamicidade e flexibilidade das relações sociais transitam e transpõem as linhas demarcatórias (aqui definidas didaticamente) através de um fluxo contínuo e indeterminado.

---

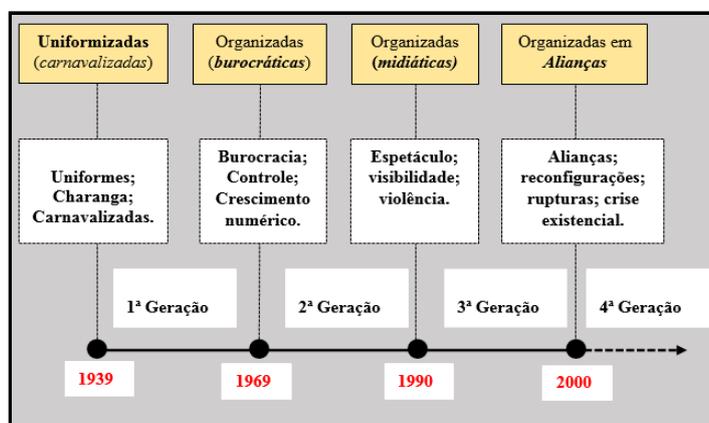
<sup>5</sup> As torcidas cadastradas na ANATORG estão listadas em um banco de dados, por Regiões e Estados, entretanto, sem ordem cronológica a partir da data de criação, fazendo-se necessária a separação dos grupos dentro de cada recorte temporal, bem como a construção de tabelas e listas que facilitassem a interpretação dos grupos dentro dos parâmetros estabelecidos para a análise desejada. As informações estão disponíveis no endereço <<http://www.anatorg.com.br>>.

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

Dito isto, os critérios adotados para a definição das gerações são apresentados abaixo. Em seguida apresento a distribuição das gerações, no Quadro 1:

- a. Década de criação do grupo;
- b. Organização interna dos grupos (informal ou burocratizada);
- c. Liderança (natural ou escolhida);
- d. Práticas performáticas nos estádios;
- e. Lógica de existência grupal (o pacto associativo);
- f. Formas de arrecadação e sustentabilidade;
- g. Estratégias de visibilidade e crescimento do grupo;
- h. Violência como recurso; e
- i. Capacidade de formação de redes de cooperação com torcidas de outros Estados (**alianças**).

**Quadro 1 – Gerações dos grupos organizados de torcedores no Brasil**



Cada geração proposta foi pensada de maneira que pudesse acomodar os grupos que se aproximassem do padrão de organização e pacto associativo estabelecidos entre seus membros, considerando-se os critérios já apresentados. É possível afirmar que algumas torcidas reconhecidas como *uniformizadas* ou *organizadas* tenham atravessado as fronteiras simbólicas entre as gerações, adequando-se as mudanças culturais e sociais. Assim, mesmo que surgidos no contexto da quarta geração (após o ano 2000) alguns grupos optaram por preservar e/ou adotar características

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

identificadas com gerações anteriores. Essa possibilidade foi interpretada como estratégia para alcançar crescimento e visibilidade, ou para conquistar a simpatia e a aceitação dos *torcedores comuns*<sup>6</sup> e da opinião pública, e, neste caso, recorrendo ao saudosismo e ao discurso da “não violência”.

Importante mais uma vez salientar que a proposta de analisar o fenômeno dos grupos organizados de torcedores no Brasil divididos por gerações foi pensada e estabelecida como recurso para facilitar a identificação e a compreensão da **organização social dos grupos**, e assim entender *de que forma e por quais motivos* os grupos estabeleceram-se em **redes de alianças entre torcidas**, a partir da década de 1990.

## 2. AS TRÊS PRIMEIRAS GERAÇÕES (1939–2000)

### ***Primeira geração: torcidas uniformizadas e carnavalizadas (1939 – 1969)***

Destaquei na apresentação do artigo que a *torcida uniformizada do São Paulo* e a *charanga rubro-negra*, criadas respectivamente em 1939 e 1942, disputam simbolicamente a primogenitura dentre os grupos organizados de torcedores no Brasil, inaugurando a fase em que os torcedores passaram a torcer juntos e com propósitos definidos. Fazem parte dessa **primeira geração** outras três torcidas cariocas fundadas até o final da década de 1960: a *Torcida Organizada do Vasco* (TOV), criada em 1944; a *Torcida Jovem Flamengo* (1967), uma dissidência da *charanga rubro-negra*; e a *Torcida Organizada do Botafogo* (1957), cuja criação foi associada à figura de um “torcedor símbolo” do clube, chamado nos estádios de “Tarzan”<sup>7</sup>. Todas essas torcidas atravessaram os referenciais estabelecidos entre as gerações e permanecem em atividade.

No desenvolvimento da pesquisa não encontrei referências a outros grupos de torcedores em cidades fora do eixo Rio/São Paulo até 1968, entretanto, especula-se a existência de uma “*torcida de Dona*

---

<sup>6</sup> Interpreto por **torcedores comuns** a categoria que representa o simpatizante do futebol sem estar vinculado a qualquer grupo específico, mas que desenvolve plenamente o sentimento de pertencimento clubístico – mesmo quando não é frequentador regular dos estádios de futebol.

<sup>7</sup> Como exemplo de “torcedor símbolo”, cujo termo foi discutido anteriormente, Otacílio Batista do Nascimento, o “Tarzan”, animava a *assistência* com um megafone na mão nos jogos do Botafogo. Posteriormente esta torcida deu origem a uma das principais torcidas vinculadas ao clube na atualidade, a *Torcida Jovem do Botafogo*, criada em 1969.

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

*Alice Neves*", na década de 1920, **em Belo Horizonte**<sup>8</sup>. É somente na década de 1960, já inseridos no que considero "**segunda geração**" (1969–1990), que vários grupos foram criados em cidades de outros estados do país, dando início ao processo de expansão nacional do fenômeno, conforme detalharei mais adiante.

As *torcidas uniformizadas* da **primeira geração** proporcionaram novas práticas de sociabilidades a partir da substituição da companhia exclusiva de amigos e familiares em dias de jogos. Assumiram novas representações identitárias grupais (principalmente camisetas e bandeiras alusivas ao grupo); desenvolveram *performances* e estéticas pouco comuns nos estádios, até então. A inserção da "*charanga*" trouxe aos estádios a alegria e irreverência próprias à festa do carnaval, espalhando-se rapidamente para todos os estádios. Plenamente ajustadas às expectativas dos clubes e ao modelo de *assistência* desejado por parte da imprensa esportiva, dirigentes de clubes e jogadores da época; os grupos identificados com a primeira geração também são conhecidos como "*torcidas carnavalizadas*".

As festas promovidas com criatividade e propagação do discurso de paz nos estádios possibilitaram que os grupos conquistassem a simpatia dos *torcedores comuns* e dos veículos de comunicação da época. Vários concursos entre torcidas, patrocinados por jornais e clubes da época foram realizados. Em 1943, o jornal *A Gazeta Esportiva* (SP) realizou uma disputa entre as torcidas do *Corinthians* (SP) e *Palmeiras* (SP), sendo vencedora a torcida que homenageasse com mais criatividade e beleza da torcida adversária. Na ocasião, as duas torcidas fizeram mosaicos humanos homenageando a rival.

### ***Segunda geração: torcidas organizadas e "burocratizadas" (1969–1990)***

O ano de **1969** torna-se emblemático na história dos grupos organizados. A criação da torcida *Gaviões da Fiel*, composta por torcedores do *Corinthians Paulista*, representou a ruptura e superação de um modelo de organização interna marcado pela informalidade e pelo imprevisto, características das *torcidas*

---

<sup>8</sup> Segundo o site oficial do Atlético Mineiro, a senhora Dona Alice Neves, mãe de Mário Neves (um dos fundadores do clube) uniformizava e costurava bandeirinhas para que a equipe de futebol contasse com o apoio da sua torcida feminina em dias de jogos. Essa torcida teria estado na inauguração do Estádio Antônio Carlos, em 1929, antigo estádio do Clube até a construção do estádio Independência. As informações estão disponíveis em: <<http://www.atletico.com.br/torcidas>>.

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

*uniformizadas* (carnavalizadas) até aquele momento, dando origem a **segunda geração**. Criada numa época onde qualquer reunião de pessoas ou associações era interpretada como ameaça ao regime estabelecido (governo ditatorial – 1964 e 1985), a *Gaviões* distinguiu-se dos demais grupos por contestar as decisões do clube, além engajar-se diretamente nos movimentos em prol da abertura política e redemocratização do país. Em 11 de fevereiro de 1979, durante o jogo Corinthians e Santos, com mais de 100 mil pessoas no Morumbi, a *Gaviões* abriu uma faixa com os dizeres “**Anistia ampla, geral e irrestrita**”, como demonstração explícita de apoio ao movimento contra a Ditadura Militar<sup>9</sup>.

Além disso, a *Gaviões* inovou por adotar um modelo de organização interna semelhante ao que é feito por algumas empresas – o que foi interpretado por alguns autores como um modelo *burocratizado*. Na verdade, a *Gaviões da Fiel* estabeleceu a *divisão do trabalho* definindo papéis e funções específicas entre seus integrantes, criando metas e, principalmente, adquirindo autonomia financeira em relação ao clube, aproximando-a das características de uma *Estrutura Funcional* no linguajar das ciências administrativas.

Importante esclarecer que a linha demarcatória entre as duas primeiras gerações de grupos organizados no Brasil tem como referência o modelo de organização social adotado, não sendo correto afirmar que houve uma ruptura brusca ou radical das características performáticas e estéticas das torcidas que foram criadas a partir de 1970. A **uniformização** das camisetas e as **práticas performáticas** (*carnavalizadas*) em dias de jogos, por exemplo, continuaram a fazer parte dos grupos burocratizados que analiticamente estão postos na “segunda geração”.

Enquanto as torcidas “*uniformizadas*” da primeira geração organizavam-se exclusivamente em torno da festa realizada em dias de jogos, as torcidas “*organizadas*” assumiram cada vez mais a condição de protagonistas do espetáculo e alcançaram maior visibilidade e adesão entre o público jovem. Gradativamente e à medida que os grupos surgidos no contexto da primeira geração cresciam em número de simpatizantes e maior repercussão nos

---

<sup>9</sup> Dentre todas as manifestações políticas relacionadas ao futebol o maior exemplo ficou conhecido como “democracia corintiana”. Movimento liderado por alguns jogadores, além de diretores do próprio clube, ao longo da década de 1980, opondo-se as arbitrariedades e mandonismos típicos da vida dos clubes de futebol. Jogadores intelectualizados como, Sócrates, Casagrande e Wladimir eram pivôs deste processo democrático, e se mobilizavam por melhores condições de trabalho, escolha coletiva de companheiros de trabalho e tudo que era direcionado a prática de futebol era decidido no âmbito da coletividade. (FLORENZANO, 2010: 40).

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

veículos de comunicação da época, novos grupos surgiram em várias partes do Brasil assumindo papéis cada vez mais importantes na vida dos clubes do futebol brasileiro.

Durante a pesquisa etnográfica percebi que esses jovens foram atraídos inicialmente pelas performances e estética dos grupos e, posteriormente, pela expectativa de estabelecer relações de cooperação, solidariedade grupal, aceitação social, identidades coletivas e pertencimento; além de visibilidade. Bastante reveladora a comparação de dois relatos que obtive através de um mesmo interlocutor – componente de um dos grupos da cidade do Recife–PE, criado em 1972, em dois momentos distintos da pesquisa, durante a coleta etnográfica<sup>10</sup>, cuja transcrição segue abaixo,

**(Relato 1, setembro de 2011):**

“As bandeiras eram feitas na casa de algum “membro” que tinha mãe costureira. “A gente” comprava os panos e ela costurava, e aí, algum carro trazia para o jogo. O papel picado era preparado antes do jogo, com jornal velho que todo mundo juntava, ali mesmo na entrada do campo, até que a diretoria (citando a diretoria do clube) deu uma sala pra gente guardar o material. Isso é que era torcida. As de hoje (referência as torcidas que surgiram durante a década de 1990 e que atualmente são as maiores), mandam fazer tudo fora, não tem amor, só tem beleza!”.

**(Relato 2, abril de 2014):**

“É cada vez mais difícil fazer festa, as torcidas de hoje querem aparecer e criar tumultos. O pior é que prejudicam todas as outras torcidas. Nós queremos continuar com a festa, mas os clubes estão tratando todo mundo igual, estamos sofrendo as consequências do mal das torcidas jovens. Temos que vender cada vez mais *brindes* e camisas para comprar os ingressos, porque hoje, nem ingresso a diretoria quer dar (diretoria do clube), diz que é proibido pela justiça, porque as outras criaram tumulto. Não somos uma empresa, somos uma torcida, mas temos que vender, vender!”.

---

<sup>10</sup> As duas interlocuções foram realizadas com um mesmo integrante da torcida organizada *Bafo do Leão*, do Sport Recife. A primeira, em 2011, foi estabelecida durante a etapa da pesquisa de campo que possibilitou a elaboração da Dissertação de Mestrado defendida em fevereiro de 2012, onde pesquisei as torcidas organizadas da cidade de Recife–PE. A segunda interlocução foi realizada em abril de 2014, compondo a etnografia da Tese de Doutorado, já referenciada.

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

O primeiro relato reproduz a lógica das torcidas *uniformizadas*, revelada num discurso saudosista do interlocutor, ao passo que o segundo relato, menos efusivo e otimista, revela a necessidade de mudança na organização e comportamento do grupo. Relatos de membros de torcidas dos estados da **Bahia, Alagoas, Ceará e Pará**, em sua maioria criadas na década de 1980, sugerem que tenham percorrido caminhos análogos as torcidas do Recife. Inicialmente carnavalizadas, assumiram gradativamente a condição de “*torcidas organizadas*”, inspiradas pelas performances das maiores torcidas do país, principalmente do eixo Rio de Janeiro/São Paulo.

As roupas, os acessórios, as tatuagens, a cor do cabelo, os rituais de cânticos, as cores das bandeiras, as coreografias previamente ensaiadas são recursos de identificação que marcam a necessidade que o jovem tem de “ser diferente” e, enquanto estratégia, essa “apropriação da diferença” possibilita a atração de novos membros e aumento de arrecadação dos grupos. A importância da representação por símbolos e brasões foi analisada por Durkheim (1996) como “marca distintiva” de um grupo, sinal diacrítico, identificação, de pertencimento,

Mas o totem não é apenas um nome; é um emblema, um verdadeiro brasão, cujas analogias com o brasão heráldico foram frequentemente assinaladas. (...) O totem é, antes de tudo, o brasão de um grupo” (idem, 1996: 107).

Nas linhas seguintes apresento algumas das representações dos grupos organizados de torcedores que reforçam a identidade grupal e o sentimento de pertencimento:

**[a] Uniformes** - As vestimentas e os acessórios são elementos fundamentais na identificação e distinção entre os integrantes de uma torcida. As camisetas, os agasalhos e os bonés, além de preservarem e ostentarem as cores, os emblemas e os símbolos do grupo possibilitam a uniformidade e a demarcação dos espaços (territórios). A camisa, herança dos primeiros grupos uniformizados é o principal elemento de identificação dos grupos, a “*segunda pele*”, chamada por muitos deles de “*manto sagrado*”; **[b] Bandeiras, faixas e “trapos”** - As “*bandeiras*” simbolizam a história, as conquistas, os símbolos e os ídolos das torcidas - que podem ser atletas ou líderes, incluindo os que morreram defendendo o grupo -, e através delas identifica-se ainda a origem da facção ou do subgrupo (cidade ou bairro), as lideranças, os grupos aliados. Pela quantidade de bandeiras existentes compreende-se a dimensão do

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

grupo, considerando que cada subgrupo estará representado por no mínimo uma bandeira (SOUZA, 2012). Dentro dos estádios juntam-se as “**faixas horizontais**” usadas para demarcar territórios e transmitir mensagens aos jogadores, dirigentes e outros torcedores, muitas vezes até ultrapassando os limites dos estádios. Os “**trapos**”, posicionados verticalmente nas arquibancadas, representam a influência das torcidas sul-americanas sobre as brasileiras; [c] **Tatuagens e cabelos pintados** – Tatuagens e pintura dos cabelos têm sido observados em muitos integrantes de grupos, destacando as letras iniciais dos grupos (no couro cabeludo, braços e costas, principalmente); [d] **A comunicação** – Tem papel fundamental na sociabilidade e disputa simbólica entre os grupos. Os gestos de cumprimento, as danças, as músicas, os *gritos de guerra*<sup>11</sup>, as pichações; têm forte significado.

Os grupos organizados da **segunda geração** cresceram em número e em importância política dentro dos clubes, passando efetivamente da condição de **coadjuvantes** a **protagonistas** (dentro e fora dos estádios), criando “instituições dentro de instituições”. Através da análise dos dados disponibilizados no cadastro da ANATORG foi possível identificar o crescimento numérico e a expansão do fenômeno das torcidas por todas as regiões do país, ao longo das décadas de 1970 e 1980. Enquanto a **primeira geração** (1939–1969) ficou restrita a 04 (quatro) grupos do Rio de Janeiro e São Paulo –, a **segunda geração** (1969–1989) já contava com 89 (oitenta e nove) grupos organizados em todas as regiões, distribuídos por 17 (dezesete) Estados. Ainda em 1969 foram criados grupos em várias partes do país, como a *Torcida Jovem do Botafogo* (Botafogo, RJ); a *Torcida Jovem Amor Maior* (Ponte Preta, SP); a *Torcida Jovem do Santos* (Santos, SP); *Camisa 12* (Internacional, RS), e *Força Atlética de Ocupação* (Atlético, MG), estas duas últimas as **primeiras torcidas organizadas fora do eixo Rio de Janeiro/São Paulo**.

De acordo com os dados da ANATORG, nas décadas de 1970 e 1980 foram criados grupos quase todos os estados do Brasil. Nas regiões Sudeste e Nordeste apenas no Espírito Santo e Piauí, respectivamente, não havia grupos de torcedores cadastrados, enquanto que nas regiões Norte e Centro-Oeste o fenômeno ficou restrito ao Pará, Goiás e Distrito Federal. Isso pode ser entendido como reflexo direto da expansão urbana tardia em algumas regiões

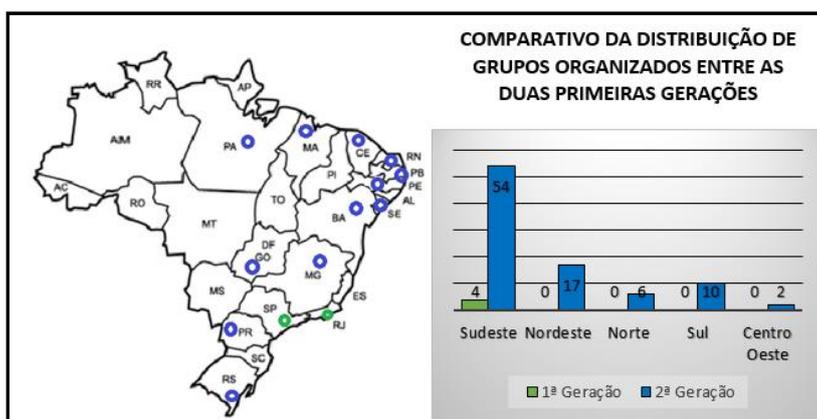
---

<sup>11</sup> São “gritos de guerra” todas as músicas ou cantos produzidos pelas torcidas nos estádios. Através dos grupos organizados esses cantos passaram a ser dirigidos para insultar as torcidas adversárias.

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

brasileiras, uma vez que, no mesmo período, grupos eram identificados em praticamente todos os estados onde a urbanização teve início na década de 1960. Uma comparação realizada a partir das datas de fundação dos grupos reproduz a distribuição nacional do fenômeno das torcidas organizadas, criadas até o ano de 1989:

**Quadro 2 - Quantitativo e distribuição de grupos organizados de torcedores nas duas primeiras gerações**



### **Organização social dos grupos de torcedores**

A *organização social* das primeiras “*torcidas uniformizadas*” era bastante simples, quando comparada aos grupos que surgiram nas décadas de 1970 e 1980. No interior dos grupos as posições – *status* – tornaram-se mais complexas a partir do modelo de organização que adotaram. Até o surgimento da “*Gaviões da Fiel*” (1969) em geral o fundador assumia a condição de “dono” ou presidente da torcida. Dependiam das contribuições financeiras mensais e de arrecadações periódicas, pagas pelos seus integrantes, autodenominados sócios, além de algumas ofertas de ingressos, dinheiro e objetos para a realização de bingos por parte de dirigentes e jogadores dos clubes.

O modelo introduzido pela *Gaviões da Fiel* também teve repercussão financeira entre os grupos. Através da divisão do trabalho as principais torcidas passaram a ser autossuficientes e independentes financeiramente em relação aos clubes, seja pela venda de produtos alusivos (bonés, camisetas, canecas, chaveiros, etc.) ou, principalmente, pela cobrança de mensalidades. Desta forma o modelo de organização que proponho para os grupos da **segunda geração** é composto por:

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

**[a] Presidente da torcida** – é o representante e líder do grupo. A maior parte das torcidas desta geração elegiam seus presidentes através de votação entre os associados.; **[b] Vice Presidente** – Escolhido pelo presidente, tem a função de representá-lo e, em muitos casos é o sucessor natural; **[c] Diretores** – Grupo de *componentes* escolhidos pelo presidente por critérios de confiança e que se responsabilizam pela administração do **patrimônio** (bandeiras, instrumentos musicais, troféus de concursos, camisas e fotos históricas, etc.). Não são atividades remuneradas, *a priori*, mas gozam de prestígio e poder dentro da torcida tendo vários benefícios e regalias, como ingressos e viagens pagas pela torcida em jogos dentro do Estado e fora dele; **[d] Tesoureiro** – responsável pelas **finanças** do grupo, tem o controle do pagamento das mensalidades, venda de produtos e recolhimento das doações feitas pelo clube, jogadores e parceiros; **[e] Associados ou componentes** – Constituem a maioria dos integrantes da torcida sendo responsáveis pelas *performances* nas arquibancadas e pela vida econômica do grupo.

Em resumo, a adjetivação “organizada” prevaleceu na identificação da maioria das torcidas que foram criadas ao longo da década de 1970, possivelmente como reflexo do sucesso e crescimento experimentados pela torcida organizada corintiana. Faz-se necessário esclarecer que muitos grupos preservaram as características “carnavalizadas” e informais que marcaram as primeiras *torcidas uniformizadas* da primeira geração, seja como estratégia de preservação das origens – uma espécie de saudosismo –, ou mesmo para se esquivarem das repercussões negativas junto à opinião pública que passaram a existir em virtude dos atos de violência praticados por muitos grupos de torcedores em todo país, principalmente a partir da segunda metade da década de 1990.

Este é um importante aspecto para compreensão do fenômeno dos grupos organizados, uma vez que o reconhecimento próprio – *uniformizada* ou *organizada* – não corresponde necessariamente às características da organização interna dos grupos. Por certo é a introdução de um novo modelo de gestão interna que simbolicamente determinará a transposição entre as duas primeiras gerações, conforme tentei expor.

***Terceira geração: torcidas organizadas midiáticas e “espetacularizadas” (1990–2000)***

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

A década de 1990 representou no âmbito do futebol brasileiro a fase das mudanças, em busca da modernização e recondução do país ao degrau mais alto entre as potências do futebol mundial. Os insucessos nas Copas de 1982 e 1986 reforçaram os argumentos que exigiam a equiparação e organização/gestão do nosso futebol ao modelo europeu. Um campeonato nacional dividido em séries<sup>12</sup>, a venda dos direitos de transmissão, novos parceiros comerciais, clubes empresas, leis que garantissem maior autonomia aos clubes nas contratações e negociações de jogadores, controle da violência nos estádios; eram medidas necessárias à recuperação do prestígio que fora comprometido em virtude dos fracassos dentro de campo. Com a conquista do mundial de 1994 (nos EUA) o futebol brasileiro chegava à era do “futebol de espetáculo”, e os interesses do capital entraram definitivamente no jogo.

Neste contexto, exige-se de todos os atores do espetáculo futebolístico (dirigentes, promotores de eventos, atletas, críticos e patrocinadores), uma plena adequação aos interesses da “indústria do espetáculo” (DAMO, 2012: p.40). Os grupos organizados de torcedores que tentaram se adequar ao padrão exigido pelo “futebol de espetáculo” deram significado ao que proponho como a **terceira geração (1990–2000)**. Neste cenário competitivo, a tensão e o conflito, naturalmente em níveis mais elevados, aumentarão quanto maiores forem às possibilidades de ganho ou perda em termos de valor econômico e/ou simbólico.

Na perspectiva dos clubes, os grupos organizados com maior número de membros representavam maiores arrecadações com a venda de ingressos e possibilidade de votos nas futuras eleições internas dos clubes. Por outro lado, as lideranças dos grupos organizados esperavam receber, vantagens e tratamentos diferenciados (em relação a outros grupos de torcedores). Assim, barganhavam a cessão de espaços no interior do clube, auxílio financeiro para viagens e ingressos para jogos.

Entretanto, como em todas as relações estabelecidas em nome de interesses e vantagens, essas aproximações revelaram-se tensas e ambíguas, entre dirigentes dos clubes e grupos de torcedores. Os maiores grupos do Recife chegaram a possuir entre o final dos anos

---

<sup>12</sup> Importante esclarecer que o Torneio Rio/São Paulo, disputado desde 1950 foi substituído em 1967 por um campeonato mais abrangente com a participação dos principais times do Brasil, a época. Entre 1971 a 1979 o Campeonato nacional variou entre 20 e 94 participantes, de estados distintos do país. A partir de 1987 o campeonato brasileiro passou a um formato que priorizou os interesses econômicos, dentro do conceito de “futebol de espetáculo”. Após 2005 o campeonato brasileiro passou a ter 20 clubes nas duas principais divisões (A e B).

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

1990 e início dos anos 2000 mais associados que os próprios clubes, principalmente entre a faixa etária dos 12 aos 35 anos. A venda de produtos oficiais dos clubes (camisas, bandeiras, insígnias) passou a sofrer a concorrência dos produtos comercializados pelos grupos organizados, vendidos informalmente e por valores mais baixos (em média 20% dos valores cobrados nos produtos oficiais), e neste aspecto, clubes e torcidas eram aliados e concorrentes, ao mesmo tempo.

Os grupos de torcedores que passaram a utilizar estratégias e recursos para alcançarem visibilidade e projeção nacional, em geral, quando comparados aos da geração anterior, mudaram suas performances e estéticas (dentro dos estádios) e suas atividades cotidianas extrapolaram a dimensão tempo-espço do jogo de futebol. Muitas torcidas tornaram-se formalmente "*Pessoa Jurídica de Direito Privado*" e assumiram modelos de organização que se assemelham a empresas, incluindo estruturas físicas transformadas em sedes sociais.

Todas as dinâmicas empreendidas têm por objetivo "*chamar atenção*" e "*virar notícia*", conquistar visibilidade dos outros atores do "futebol de espetáculo", dentro e fora dos estádios. As *performances* deixaram de ter como alvos apenas jogadores (incentivo), dirigentes (cobrança) e demais torcedores (festa e animação); foram direcionadas às câmeras televisivas e torcedores rivais, como demonstração de poder e força. Cânticos ininterruptos durante os jogos, exposição dos ("*bandeirões*") e instrumentos pirotécnicos (como sinalizadores) elevaram os grupos a condição de protagonistas e, ao mesmo tempo, vilões do "futebol de espetáculo". A "espetacularização", portanto, é a principal característica da terceira geração.



Imagem - "Bandeirões" nos estádios do Recife-PE. Fotos do autor.

Inicialmente as *performances* desenvolvidas pelos grupos da *terceira geração* (1990 a 2000) foram resultado direto dos contatos culturais entre os torcedores de cidades distintas do Brasil; entretanto, a

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

intensificação dos contatos entre equipes brasileiras e *sul-americanas* (principalmente as “barra bravas” argentinas), em disputas da “Taça Libertadores da América” foi responsável pela assimilação de coreografias e do estilo vibrante daquelas torcidas, cuja ênfase está numa cultura de intimidação do adversário e incentivo a **sociabilidade de conflito**. Os diversos confrontos entre grupos de torcedores registrados em todo o país entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 modificaram gradativamente a visão simpática de que gozavam os grupos brasileiros (muito em virtude das torcidas “carnavalizadas da primeira geração”).

Se durante os primeiros anos da década de 1990 a imagem dos grupos foi amplamente utilizada pelos veículos de comunicação como instrumento de divulgação do “futebol de espetáculo”, paixão e festa nas arquibancadas; a partir da segunda metade dessa década passaram a representar riscos e obstáculos aos negócios do futebol. A viabilidade do “negócio do futebol” não poderia ser comprometida por “vândalos”, e em poucos anos esses grupos deixaram de ser destacados como representantes da paixão e da alegria nos estádios para assumir a condição de **principal mal do futebol brasileiro**.

Foi neste contexto que os grupos organizados de torcedores passaram a ser vistos como indesejáveis aos interesses do futebol de espetáculo e viram-se obrigados a renegociar seu papel nesse campo de interesses. As “*amizades*” entre grupos de cidades diferentes, anteriormente convenientes para alguns poucos grupos, tornaram-se necessárias, intensificadas e ampliadas através de grandes **relações de alianças** com grupos de estados distintos, sendo essa, portanto, a principal característica dos grupos surgidos entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000, interpretados nesse estudo como a **quarta geração** dos grupos organizados de torcedores do Brasil.

### **3. QUARTA GERAÇÃO: *As Alianças nacionais como estratégia de resistência***

Enquanto políticos, empresários e demais profissionais do futebol adequavam-se as novas exigências da competitividade e produção de resultados (lucros), as arquibancadas brasileiras estavam inquietas. Os grupos que experimentaram maior crescimento criaram também novas necessidades. O sucesso requisitou gradativamente

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

mais parcerias que lhes rendessem recursos financeiros e logísticos capazes de atender as novas demandas. Entretanto, foi a partir da segunda metade da década de 1990 que os grupos necessitaram reinventar suas estratégias para superação de uma invisibilidade que começava a ameaçá-los, em virtude, basicamente, das repercussões da violência.

As parcerias tornaram-se explícitas através de aproximações entre grupos de cidades distintas, reconhecidas em termos nativos por "*amizades*". Inicialmente buscavam apoio logístico nas cidades onde as partidas de futebol seriam realizadas (transporte, alimentação e estadia). As primeiras "*amizades*" foram então estabelecidas entre seguidores cujos clubes possuíam sinais diacríticos semelhantes (cores dos uniformes e mascotes), ou mesmo por motivações de cunho étnico. Surgiram assim "*amizades*" entre integrantes da "*Gaviões da Fiel*" (Corinthians/SP) e da "*Fúria Jovem*" (Botafogo/RJ), que possuem as mesmas cores no uniforme (preto e branco); como também entre grupos organizados da Portuguesa de Desportos/SP e do Vasco da Gama/RJ, clubes fundados pelas colônias portuguesas de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente.

Ao receber um grupo de outra cidade, no aeroporto ou na rodoviária, a torcida "nativa" possibilitava aos "estrangeiros" uma relação de confiança e companheirismo, possivelmente retribuída quando os papéis fossem invertidos. A intensificação dos contatos entre os grupos de cidades distintas deu origem a "*amizades*" que passaram a ser compartilhadas por uma rede de amigos em comum, dando origem as ***relações de alianças entre torcidas de cidades diferentes***.

Essa troca de "gentilezas" e favores entre os grupos aliados materializada no momento da troca de camisetas, bandeiras e faixas fundamenta o "sistema de prestações" (MAUSS, 1974) que se institui numa cadeia de reciprocidades entre os grupos, espécie de representação simbólicas da fidelidade, camaradagem e amizade, e que posteriormente serão usadas e exibidas nas arquibancadas dos estádios de todo Brasil para ratificar a aproximação. As primeiras grandes alianças nacionais passaram a integrar grupos das regiões Sudeste, Sul e Nordeste posteriormente agregando grupos das outras regiões do país.

Com o passar dos anos, várias outras alianças foram estabelecidas, como também desfeitas. Desta forma foram criadas ainda na

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

década de 1990 as três principais redes de alianças entre grupos de torcedores do Brasil, em termos de sociabilidades, como também as que preservam maiores rivalidades entre si.

[a] “**punho cruzado**”, formada pelas Torcida Jovem (Flamengo/RJ), Independente (São Paulo/SP), Camisa 12 (Inter/RS), Máfia Azul (Cruzeiro/MG) e Torcida Jovem (Sport/PE); [b] “**dedo pro alto**”, formada pela Mancha Verde (Palmeiras/SP, atualmente Mancha Alviverde), Galoucura (Atlético/MG), Força Jovem (Vasco da Gama/RJ); [c] “**punho colado**”, agregando a Young-Flu (Fluminense/RJ), Fúria Independente (Paraná/PR) e Fúria Independente (Guarani/SP).

Os critérios utilizados para a definição sobre quem seriam “*amigos*” e “*irmãos*” também foram repensados. Não se tratava mais de conveniência (como nas primeiras amizades), contudo, estabelecer vínculos sociais capazes de proporcionar na base das trocas – reciprocidade –, todos os recursos e apoios necessários a manutenção e crescimento dos grupos. Essas relações tornaram-se vitais, sobretudo a partir da ruptura definitiva com os clubes aos quais estavam vinculados.

Independentemente das similaridades dos sinais diacríticos e de identificação (cores dos uniformes, mascotes comuns, origem étnica, etc.) a partir dos anos 2000 os grupos que passaram a fazer parte das alianças tiveram como “referenciais” favoráveis ao vínculo: [1] **número de membros associados**, [2] **capacidade de venda de produtos** (nos estádios, nas sedes dos grupos, e/ou em lojas virtuais), [3] **capacidade de apoio aos “irmãos” ou “amigos”**, [4] **capacidade de mobilização em dias de jogos**.

Percebe-se uma nítida tentativa de estabelecer vínculos utilitaristas em cidades diferentes de todas as regiões do país, principalmente por parte dos grupos vinculados a clubes que participam regularmente das principais competições nacionais. Por outro lado, grupos vinculados a clubes que têm participação limitada a disputas regionais buscaram alianças com grupos geograficamente próximos, o que fica bastante perceptível através das duas grandes alianças criadas entre clubes do Nordeste, conforme quadro abaixo:

**Quadro 3 – Alianças entre clubes nordestinos**

Estado	União lado A	União lado B
Alagoas	“Torcida Mancha Azul” (CSA).	” Comando

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

<b>Bahia</b>	"Bamor" (Bahia).	Vermelho" (CRB).
<b>Ceará</b>	"Leões da TUF"; "Jovem Garra Tricolor" (ligados ao Fortaleza); "Força Jovem do Guarany" (Guarany de Sobral).	"Cearamor"; "Movimento Organizado Força Independente" (ligados ao Ceará).
<b>Maranhão</b>	"Torcida Motofolia" (Moto Clube).	Tubarões da Fiel (Sampaio Corrêa).
<b>Paraíba</b>	"Torcida Jovem do Galo" (Treze).	"Jovem Fanático" (Náutico).
<b>Pernambuco</b>	"Inferno Coral" (Santa Cruz).	
<b>Rio Grande do Norte</b>	"Torcida Máfia Vermelha" (América); "Fúria Jovem do Baraúnas" (Baraúnas).	"Torcida Garra Alvinegra" (ABC).
<b>Sergipe</b>	"Trovão Azul" (Confiança).	

As "*Uniãoes do Nordeste*" que a lógica da rivalidade entre os *grupos organizados* não segue a lógica da rivalidade clubística, sendo possível identificar clubes rivais (em seus estados) fazendo parte dos mesmos grupos de aliados. Devido ao modelo de organização implantado no futebol brasileiro, a maior parte das equipes das regiões **Nordeste, Norte e Centro-Oeste** ficou restrita a participação nos campeonatos estaduais e regionais (no primeiro semestre), e somente uma pequena minoria consegue disputar as divisões inferiores do campeonato brasileiro (séries C e D). As duas grandes alianças criadas entre clubes do Nordeste são bastante sintomáticas desta realidade excludente do futebol brasileiro.

Em grande medida, as novas alianças e amizades foram favorecidas pelo surgimento e propagação das **redes sociais** de relacionamento, que por sua vez também foram fundamentais no reforço dos vínculos entre os grupos e um espaço importante para a divulgação das principais relações de sociabilidades praticadas por eles (festas, viagens, campanhas assistenciais, organização de caravanas, etc).

No que concerne à organização interna dos grupos da **quarta geração**, as principais modificações notadas têm relação com o modo de arrecadação, o sistema de controle dos associados (numérico e comportamental), e o crescimento numérico do número de mulheres. Através das redes sociais foram intensificadas as

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

organizações de festas e “*caravanas*” (aluguel de ônibus ou avião para viagens) que também se constituíram em novas fontes de arrecadação. Também é importante destacar – retomando a importância assumida pelas mulheres –, que os maiores e mais bem organizados grupos de torcedores vêm investindo cada vez mais na produção e venda de artigos direcionados às mulheres (camisas, vestidos, biquínis, etc.). A busca pela *espetacularização* encontrou na “diversidade” uma aliada forte, uma possibilidade real de romper com o padrão estético e culturalmente dominado pelos homens.

As alianças tornaram-se fundamentais também como possibilidade de minimizar os impactos causados pelos prejuízos financeiros, uma vez que a ampliação dos vínculos entre grupos de cidades distintas criou novas alternativas de arrecadação e cooperação. Passaram a vender mais produtos nas lojas de grupos “*aliados*”, ou mesmo através das lojas virtuais criadas e mantidas pelos grupos com maior capacidade de organização interna, possibilitando uma extensa rede de consumo dos produtos característicos do “estilo” dos grupos organizados.

### ***Considerações finais: as alianças como um recurso necessário***

O vínculo social é estabelecido na troca, como uma demonstração explícita de aceitação da aproximação, que será logo quanto possível retribuída; e aquilo que Mauss denomina “espírito da coisa” consiste numa representação simbólica deste fundamento,

Hoje, portanto, no seio mesmo das imensas sociedades industriais e estatais que compõem o coração do mundo, o dom não perdeu nem seu caráter pessoal, nem seu caráter voluntário. (...) o ato de dar, para ser realmente um dom, deve ser um ato voluntário e pessoal, senão ele se transforma imediatamente em outra coisa, em imposto, por exemplo, ou em dom forçado. (GODELIER, 2001:p.26).

Por sinal, este é um entendimento que desafia o paradigma dominante que se tornou hegemônico na interpretação das relações humanas, e reconhecido como *teoria da escolha racional* ou *individualismo metodológico*<sup>13</sup>. Por essa interpretação

---

<sup>13</sup> Dentre as perspectivas utilitaristas contemporâneas que têm ganhado destaque, a teoria da **escolha racional** destaca-se como a mais evidente. Para os seus defensores, a ação social normal deve ser tida como resultado do raciocínio pessoal que relaciona de modo eficiente meios escassos e fins construídos autonomamente. Os indivíduos percebem seus pares como meios para a obtenção de seus fins pessoais. A noção de racionalidade é vinculada, então, à ideia de consumidor da teoria

hegemônica os vínculos são estabelecidos atendendo a ordem do interesse individual, sobretudo na sua vertente capitalista – utilitarista. Para os economistas o móbil essencial das relações sociais entre os homens seria o desejo de maximizar seus prazeres, seu conforto e suas posses materiais (lucros) – em poucas palavras, sua “utilidade” (CAILLÈ, 2002: p.22)<sup>14</sup>.

O atalho interpretativo, portanto, aqui utilizado para compreender a maneira como o vínculo social foi instituído entre *grupos organizados de torcedores aliados* reside justamente nesta perspectiva teórica anti-utilitarista. Através dela é possível compreender que as primeiras “*amizades*” e *alianças* foram gestadas após uma sequência de dádivas e *contra dádivas*, posteriormente impulsionando uma circulação de reciprocidades entre os grupos. Possivelmente, as primeiras demonstrações de dádivas percebidas de um grupo organizado para com outro se deram nas ofertas de assistência (solidariedade) ao grupo visitante, mesmo que na ocasião fosse representante de uma equipe adversária no campo de jogo.

Apensar da tendência moderna em negar a dádiva, as práticas de sociabilidades observadas entre os grupos aliados são estabelecidas através da instalação de um circuito de reciprocidades – redes de solidariedade que contrariam os argumentos utilitaristas da troca motivada pela vantagem –, ratificando aquilo que já fora destacado anteriormente – “o valor de vínculo tem mais importância do que o valor de uso” (CAILLÈ, 2000). Enquanto na sociedade moderna é possível utilizar a relação quase mercantil para interromper uma cadeia de dádivas (relações) – como o uso de presentes caros –, no sistema da dádiva, ***as coisas valem o que vale a relação*** (GODBOUT, 1999: p.19).

Estigmatizados e reduzidos a poucas práticas, principalmente nos estados que restringiram suas atuações por meio de medidas judiciais, fazer alianças com grupos de cidades diferentes tornou-se a principal estratégia adotada pelos grupos organizados brasileiros, como recurso de preservação grupal e resistência contra a exclusão e invisibilidade impostas pelo contexto atual do futebol de espetáculo, adequado e comprometido com os interesses do capital.

---

econômica, sendo referida geralmente à conduta que busca três elementos básicos: riqueza, prestígio e poder (MARTINS, 2002: p.25).

14 CAILLÈ, A. *Introdução ao movimento Anti-Utilitarista*. In: MARTINS, P. H. *A dádiva entre os modernos. Discussão sobre os fundamentos e regras do social*. Petrópolis: Vozes, 2002.

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

## Referências Consultadas

ALVES, G. *História do futebol em Pernambuco (1903/1950)*. Recife: Editora da Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

ATHIAS, R. *A noção de identidade étnica na antropologia brasileira: de Roquette Pinto à Roberto Cardoso de Oliveira*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BECKER, H. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BECKER, L. *Pioneirismos no futebol brasileiro*. Curitiba: Editora campeões do futebol, 2012.

BRASÍLIA-DF. Lei nº 10.671, de 15 mai. 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Disponível em: <[www.organizadasbrasil.com.br](http://www.organizadasbrasil.com.br)>.

BUARQUE, B. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

BUFORD, B. *Entre os vândalos: A multidão e a sedução da violência*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

CAILLÉ, A. *Dádiva e associação*. In: *A dádiva entre os modernos, Discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. MARTINS, P. H. (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CARDOSO de OLIVEIRA, R. *Identidade, etnia e estrutura social*. Rio de Janeiro: Biblioteca pioneira de Ciências Sociais, 1976.

CUNHA, F. A. *Torcidas de futebol: espetáculo ou vandalismo*. São Paulo: Scortecci, 2006.

DA MATTA, R. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

\_\_\_\_\_. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

\_\_\_\_\_. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DAOLIO, J. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores associados, 2005.

DEBORTOLI, J. A. O.; SILVA, S. R.; SILVA, T. F. (orgs.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

DORTIER, J-F. *Dicionário de Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUNNING, E. "Figurando" o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. Dossiê: Revista de Ciências Sociais da UFC. Fortaleza, v.42, n.1, p.11-26, 2011.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N; SCOTSON, J.L. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

FERREIRA, J. M. *História dos campeonatos: memória do futebol pernambucano (1915 a 2007)*. Recife: CEPE, 2007.

FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FLORENZANO, P. J. *Democracia Corinthiana: Práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: FAPESP, EDUC, 2010.

FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GAMEIRO, R. *O Movimento Manguêbeat na mudança da realidade sociopolítica de Pernambuco*. In: VI Congresso português de sociologia. Lisboa, 2008.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GODBOUT, J. T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

GODELIER, M. *O enigma do Dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOMES, L. F. (et al.). *Estatuto do Torcedor Comentado*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

GRABIA, G. *La Doce, a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo*. São Paulo: Panda Books, 2012.

GUEDES, S. L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, RJ: EDUFF, 1998.

GURGEL, A. *Futebol S/A: A economia em campo*. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. (orgs.). *A invenção do país do futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLANDA, B. B. B. *O Clube Como Vontade e Representação: O Jornalismo Esportivo e a Formação das Torcidas Organizadas de Futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2010.

LE BON, G. *Psicologia das Multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LUNA, C. E. F. *A inserção das galeras de baile funk de corredor nas torcidas uniformizadas do Recife*. Recife, 2010. (Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais, UFPE, para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais).

MACHADO, R. P.; SCALCO, L. M. *Sobre bondes de marca: consumo e rituais entre jovens de baixa renda na cidade de Porto Alegre*. In: RIAL; SILVA; SOUZA (org.). *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.

MARTINS, P. H. *A dádiva entre os modernos. Discussão sobre os fundamentos e regras do social*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

MOTA, L. A. *Dádiva e sociabilidade no Brasil*. In: Revista Antropológicas, ano 6, volume 13 (2): 107-123 (2002).

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

MURAD, M. *A violência e o futebol. Dos estudos clássicos aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. *Para entender a violência no futebol*. São Paulo: Saraiva, 2012.

PEIRANO, M. *A favor da etnografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília-DF, 1992.

PIMENTA, C. A. M. *Torcidas Organizadas de futebol, violência e auto afirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté, SP: Vogal Editora, 1997.

PIRES, A. *A pesquisa qualitativa, enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, pp.43-94.

PRIORI, M. *História do esporte no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009.

RAMOS, R. *Futebol: Ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

REIS, H. H.B. *Futebol e violência*. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2006.

REIS, H. H.B; ESCHER, T. A. *Futebol e sociedade*. Brasília: Líber livros, 2006.

RIAL, C. *Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior*. HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS. Porto Alegre: UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, Ano 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

RIAL, C.; SILVA, S. R.; SOUZA, A. M. (orgs.). *Consumo e Cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SANTOS NETO, J. M. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SANTOS, T. C. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo: Annablume, 2004.

SIMMEL, G. *A natureza sociológica do conflito*. São Paulo: Ática, 1993.

SOARES, L. E. *Futebol e teatro, notas para uma análise de estratégias simbólicas*. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, nº 033, série Antropologia, 1979.

SOUZA, A. A. *Juizado do torcedor: penas, processo e inclusão social*. Recife: Edições bagaço, 2007.

SOUZA, E. A. P. *Paixão perigosa: uma etnografia das torcidas organizadas de Recife-PE*. Olinda: Editora livro rápido, 2014.

SPOSITO, M. P. *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP. São Paulo: 161-178, 1994.

TEIXEIRA, R. C. *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). PPGSA, UFRJ, 1998.

TOLEDO, L. H. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.

\_\_\_\_\_. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, Autores associados/ANPOCS, 1996. 176 páginas.

\_\_\_\_\_. *A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo*. In: MAGNANI, J. G. C.;

As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil:

TORRES, L. L (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Transgressão e violência entre torcedores de futebol*. Revista da USP, n. 22, p. 92-101, 1994.

VELHO, G (org.). *Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ZALUAR, A. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 2000.